

Adriano Moura de Oliveira *A Grande Potência: o projeto Brasil Potência no interior do pensamento Geopolítico brasileiro*. Mestrando. PUC São Paulo.

A DSN e o “Ideário” hegemônico.

Muito se tem produzido nas ciências humanas, sobretudo em história, trabalhos que procurem analisar o papel e atuação das Forças Armadas na sociedade brasileira. Não seria novidade dizer que para se analisar a função do Estado e suas instituições após 1964 tornam-se tarefas impossíveis se o foco de estudo não for o comando militar e a Doutrina de Segurança Nacional que é produzida no interior da instituição. Pois foi essa Doutrina, produzida dentro da Escola Superior de Guerra, conhecida como DSN, que criou nos militares um sentimento de coesão interna e também possibilitou aos mesmos, instrumentos para contemplar e influir na realidade social, política e econômica brasileira, ou pelo menos aquilo que eles reconheciam dessa realidade.

O surgimento da Doutrina de Segurança Nacional tem como pano de fundo o conflito pós-guerra entre Estados Unidos e a União Soviética; pois em fator da guerra fria, o comunismo passou a ser a maior ameaça e centro das preocupações no ocidente, que através do comando dos Estados Unidos¹ foi disseminado a noção de segurança hemisférica para América Latina, nas palavras do General Osvaldo Cordeiro de Farias – um de seus idealizadores - é possível entender que a segurança nacional se baseava em um novo estilo de guerra não mais circunscrita à frente de batalha e ao palco de lutas, mas transformada em fato total, que afeta a sociedade por inteiro e toda a estrutura de uma nação.(Farias, 1981: 419). A doutrina de segurança nacional foi concebida num momento em que operam transformações profundas na sociedade brasileira e no contexto internacional, a questão do envolvimento do Brasil no bloco ocidental, a ênfase na defesa do continente americano de agressões externas e principalmente uma identificação ideológica com o mundo “livre”. (Oliveira, 1976: 26), a ideologia de segurança nacional sofre ao longo de sua construção mudanças substanciais, que têm influência, como já dito, não só do cenário internacional, mas principalmente da própria situação brasileira. Essa evolução do pensamento (DSN) se processa pela passagem das considerações econômicas para as considerações políticas², e dentro de um cenário de luta e contenção dos

¹ Dreifuss segue a linha de pensamento, afirmando que a cúpula das forças Armadas, na conjuntura dos anos 50 e 60, foram utilizadas pelo imperialismo americano e tornou-se, no Brasil, o canal de veiculação de seus interesses. Ver em Nelson Werneck Sodré (1979: 289-389).

² Ver em Eliezer Rizzo – Forças Armadas Política e Ideologia. O autor nos diz que o campo de reflexão da DSN é extremamente vasto a evolução desse tipo de pensamento se processa pela passagem das considerações políticas para considerações econômicas. Anteriormente à concepção propriamente dita da doutrina vinculada a ESG, e devido em parte à divisão dos oficiais quanto ao possível envolvimento na II

movimentos populares, a DSN e a ESG, aparecem ligadas, a essa estratégia de preparação econômica, política e ideológica, para o embate que se considerava eminente.

Muito dos trabalhos que analisam o papel da DSN nas forças Armadas; levam em conta os aspectos considerados necessários e suficientes para configurar o papel das Forças Armadas em relação ao Estado e à sociedade. A esse grupo pertencem a obra de René Armand Dreifuss, Edmundo Campos Coelho e Alfred Stepan, as quais exprimem duas grandes linhas de pesquisa sobre o assunto: a concepção instrumental e a abordagem institucional-organizacional. A primeira trata das manifestações políticas ocorridas nas Forças Armadas como resultado de algo que vinha de fora, a outra que dizia haver uma grande autonomia dos militares com relação ao Estado e a sociedade.

René Armand Dreifuss em sua obra *1964: A conquista do Estado* coloca a Escola Superior de Guerra, como um órgão que fez a junção entre civis e militares, tanto no que diz respeito ao capital privado como no estado, aquilo que o autor chama de ligações orgânicas. (Dreifuss, 1987: 80). Isso acontece em sua visão porque havia uma igualdade de valores entre os militares e os empresários, principalmente no que se refere aos interesses do capital multinacional-associado e o ritmo e a orientação do desenvolvimento capitalista no Brasil. Essa igualdade de idéias deve-se, não só pela grande influência que os empresários civis exerceram na ESG, mas também das Forças Armadas Norte Americanas, desde a participação do Brasil na guerra, que criou condições para a formulação da doutrina de segurança nacional. Em síntese, essa influência do capital associado de um lado e os Estados Unidos de outro, fez com que a doutrina girasse em torno do binômio segurança e desenvolvimento.

Outra das interpretações de relevância está em Edmundo Campos Coelho – que é partícipe da posição de autonomia dentro das Forças Armadas - em seu trabalho *em busca de identidade: O exército e a Política na sociedade*, tenta mostrar que a função da DSN dentro das Forças Armadas foi a de produzir um consenso em seu interior, processo no qual é legitimada a formulação de diretrizes gerais, com as quais foram definidas as políticas substantivas da instituição. Para o autor, esse consenso se apresenta como condição de coesão, assim sendo a DSN tem importância para as Forças Armadas no que diz respeito à formação de sua identidade, criando assim condições para que as políticas substantivas da instituição se tornassem viáveis, exercendo um papel facilitador da coexistência e integração das Forças Armadas na Sociedade. (Coelho, 1976: 165-66).

Guerra, a segurança nacional, tomada como mobilização para a defesa nacional, é conceito vinculado a exploração de petróleo, partir da II Guerra, passa a ser um conceito fundamentalmente político, referido à participação do Brasil no Ocidente e à continuidade da sociedade capitalista.(Oliveira, 1976: 27- 28).

Já Alfred Stepan em os *Militares na Política* vai centrar sua análise da DSN numa situação mais ampla, que diz respeito às relações entre civis e militares de 1945 a 1964. Destacamos dois aspectos principais de suas considerações sobre a ESG. O primeiro refere-se ao fato de as concepções da instituição particularmente focadas no binômio Segurança – Desenvolvimento, terem, progressivamente, se alastrado nas Forças Armadas, abarcando todos os aspectos da vida social e política, propiciando assim coesão dentro da instituição. O segundo aspecto está centrado no papel que os estudos sobre Segurança Nacional tiveram entre os militares, que, ao examinarem diversos aspectos da vida nacional, com o objetivo de garantir a Segurança do País, acabaram por fazer crescer entre eles a legitimidade como “construtores da nação”, passaram então a considerar-se legitimados e capacitados a governar. (Stepan, 1975:127-137).

Dentro da análise desses três autores, surge uma ordem de questões que é preciso serem olhadas com um pouco mais de cautela. Entre Dreifuss e Coelho existe uma congruência de idéias, ambos concebem a doutrina como formada por algo exterior a ela; no caso de Dreifuss esse algo são a influência do capital internacional e a burguesia brasileira. Para Coelho, apesar da união da instituição, a doutrina de segurança nacional era a cópia, salvo exceções, do pensamento do General Góes Monteiro³. Para Stepan a doutrina realmente causou uma união até então inexistente na instituição militar e essa coesão acrescida do estudo de realidade e segurança nacional, os legitimou e/ou os capacitou a governar o país.

Partindo das duas primeiras considerações são inegáveis, as tantas influências que estiveram presentes na formação da doutrina, mas não podemos deixar de levar em conta, e isso afirmamos categoricamente, que ela foi construída, aqui no Brasil; que apesar das influências, ela absorveu e combinou elementos próprios da sociedade que a deram características bem peculiares, como os elementos da tradição do pensamento político conservador brasileiro – em especial o *desenvolvimentismo autoritário* de Oliveira Vianna e Alberto Torre. O estudo da *Geopolítica* resultou em uma doutrina que incluía a busca de um *acelerado desenvolvimento econômico* com o momento essencial da promoção da segurança nacional⁴. Também nos parece claro, partindo da última consideração, o fato da DSN ter realmente causado uma coesão nas Forças Armadas como nos aponta Stepan, mas acreditamos que a função da DSN, desde sua criação, tinha

³ Na obra de Coelho a doutrina não é concebida como ideário específico, resultante das demandas militares no final dos anos 40. Ela é apresentada, “descontadas as diferenças de circunstâncias, como idêntica ao pensamento do autor. (Coelho apud Rocha, 1996: 13), para Selma Moraes interpretações desse tipo impedem que possamos entender por que o oficialato brasileiro escolheu elaborar uma doutrina, em uma escala determinada, agregando, para isso, além de elites militares também as elites civis”. (Rocha, 1996:13).

⁴ Ver em Luis Miguel – peculiaridades da doutrina de segurança nacional.

objetivos muito mais profundos do que somente legitimar os militares a governar o país, principalmente por causa da influência dos estudos geopolíticos⁵.

Não há então, motivos para duvidar que a DSN procurou, desde o início, elaborar um modelo de desenvolvimento para fazer com que o país passasse a ocupar um lugar de relevo no cenário internacional das nações, o que se esperava era pelo menos uma chance de por isso em prática.

É preciso, partindo das considerações acima, quanto às intenções do projeto nacional, tecer alguns apontamentos que são de extrema relevância dentro de nosso trabalho. Grande parte das análises que tratam do projeto nacional de desenvolvimento dentro da doutrina de segurança nacional são unânimes em dizer que essa não concebia fazer avançar o capitalismo brasileiro sem a participação do capital internacional⁶, isso porque com certeza a doutrina incorporou as características de dependência que acompanham nossa sociedade ao longo de sua história. Mas o que afirmamos é que nas “mentes” ou no “imaginário” principalmente do baixo escalão do exército e dos civis que tomaram contato com os estudos na ESG, baseados na geopolítica, criou-se a ilusão de que o Brasil caminhava para se tornar uma Potência.

Dizemos isso porque as análises que tomam como partida, em relação à doutrina, a sua total dependência, se baseiam no estudo das matrizes desse pensamento, no caso os *manuals da escola* ou até mesmo os grandes teóricos como Góes Monteiro, Golbery e Juarez Távora e se esquecem de olhar como esse discurso foi absorvido por aqueles que tomaram contato com ele. Através da análise, ainda que prévia dessa documentação acreditamos só ser possível entender como estavam as idéias e as intenções militares na época através dos *boletins e das revistas da ESG*, pois é onde aqueles que expõem, através de palestras, o pensamento da doutrina, já o fazem com suas impressões, visões do mundo que acrescentam a esse discurso características bem pessoais e principalmente que

⁵ Sobre esse ponto encontramos na obra de Selma Morais Rocha, *A evolução dos conceitos na doutrina da escola superior de guerra da década de 70*, indícios de quais eram os verdadeiros objetivos da doutrina. A autora, através da análise dos manuais da ESG, parte da premissa que a elaboração da doutrina pela Escola Superior de Guerra na década de 50, foi uma resposta política e materialização de um programa de ação das Forças Armadas para fazer frente à necessidade de redefinição das funções do Estado. Isso porque, afirma Selma, que parcelas do oficialato estavam crentes, que na “presente” conjuntura da guerra fria, só o fortalecimento do poder do Estado é que garantiriam segurança e conseqüentemente desenvolvimento. A doutrina tinha como objetivo, através da congruência entre as elites civis e militares, implementar um projeto Nacional. (Rocha, 1996: 156-58). Na análise da autora, esse projeto nacional tinha como premissa, fazer prosperar as relações capitalistas, no Brasil, através do controle e fortalecimento do estado, alianças políticas, econômicas e militares com os países de capitalismo avançado.

⁶ 13 ver em Florestan Fernandes – A revolução Burguesa no Brasil – diz o autor “Alias esse fator não é novidade na história de nosso país, já que nosso capitalismo desde sua formação de bases coloniais não continha, as mesmas características estruturais e funcionais do capitalismo de tipo especial das nações hegemônicas, era na verdade um capitalismo periférico dependente nas economias centrais”.(Fernandes, 291-295). Também José Chasin – Avia Colonial de entificação do capitalismo in A miséria brasileira.

acompanham as contradições da sociedade no período. E a partir dessa análise, será possível entender como a realidade se apresentava nesse discurso.

A Geopolítica de Potência.

A intenção de transformar o Brasil em nação hegemônica não foi monopólio das Forças Armadas, mas, sem dúvida foi no interior dos quartéis e da Doutrina de Segurança Nacional que ela solidificou-se como força e chegou a se transformar num projeto de ditadura militar. Foi no pensamento geopolítico da ESG que essas idéias evoluíram com maior ênfase e consistência, onde esse plano “Brasil Potência” passou a fazer parte essencial daquilo que se discutia nos *manuals*, nos *boletins* e nas *palestras*.

Da mesma maneira que não é possível uma análise concreta do Brasil pós ditadura sem o olhar atento as Forças Armadas e sua Doutrina, também não é possível separar os estudos geopolíticos da formação dessa doutrina, pois eles formam a principal base onde se apóia toda a doutrina, ou seja, o meio influi totalmente na vida das suas sociedades, expressão clara do determinismo geográfico.

É preciso estabelecer em primeiro lugar sobre qual discurso estamos falando, lógico que não é intenção fazer uma história do pensamento geopolítico, mas simplesmente apresentar de maneira sucinta as bases de seu pensamento, principalmente no que diz respeito ao determinismo.

Como afirmou Napoleão Bonaparte, em uma frase muito usada dentro dos estudos sobre geopolítica, “A política de um Estado está em sua geografia”, essa frase bem polemica e contestável exprime aqui de certa, maneira, ainda que sumaria em torno de quais premissas se baseia o pensamento geopolítico. A geopolítica é claramente uma continuação da geografia política moderna. Há inúmeros livros dos séculos XVII, XVIII e XIX com esse título e tema. Mas considera-se que geografia política moderna, pelo menos tal como a entendemos hoje - isto é, como um estudo geográfico da política, ou como o estudo das relações entre espaço e poder - nasceu com a obra *Politische Geographie* [Geografia Política], de Friedrich RATZEL, publicada em 1897. Ratzel, na verdade, não criou o rótulo "geografia política"; ela apenas redefiniu o seu conteúdo, apontando para o que seria um verdadeiro estudo geográfico da política, uma concepção de política que muito deve à leitura de Maquiavel. Aqui citando uma passagem do próprio Maquiavel que diz “já dissemos que o calor forte tira a força e a coragem dos homens; que há nos climas frios certa força corporal e espiritual que torna os homens capazes de ações longas, penosas, importantes, ousadas... Não deve admirar portanto, que a covardia dos povos de

climas cálidos os tenha quase sempre feitos escravos, e que a coragem dos povos de clima frio os tenha mantido livres; é um efeito que deriva de causa natural”.

A preocupação principal, não só de Ratzel como de outros autores ligados a esses estudos era mostrar que o estudo da geografia política só vai se preocupar com o meio ambiente - as características "naturais" do território, por exemplo, (localização, formato, proximidade do mar, etc.) - desde que isso tenha relações com a vida política. E que um determinado local influencia totalmente o homem que nele vive. Ele procurou estabelecer uma série de temas pertinentes à geografia política, que continuam a ser atuais (embora outros tenham surgido posteriormente): o que é o Estado e quais as suas relações com o território, soberania e território, o que é política territorial (uma expressão criada por ele), a questão das fronteiras, o que significa uma grande potência mundial, etc.

A palavra *geopolítica*⁷, por sua vez, foi criada no início do século XX, mais precisamente em 1905, num artigo denominado "As grandes potências", escrito pelo jurista sueco Rudolf KJELLÉN. (Mas atenção): a *palavra* geopolítica é que foi criada por Kjellén, pois não há dúvida que essa temática é bem mais antiga, ou seja, as grandes preocupações geopolíticas não surgiram no início do século XX, historicamente pode-se entender, e aqui uso a idéia de geopolítico, que a partir da revolução industrial os Estados Nacionais Modernos teriam uma nova preocupação, como fazer para expandir suas fronteiras e influencias no mundo, como fazer com que suas potencialidades internas torne-se armas de um Estado Imperialista. (preocupações sobre o que é e quem é uma potência mundial, como se dá a disputa mundial pelo poder entre os Estados, que estratégias seriam adequadas para tal ou qual Estado tornar-se a potência regional nesta ou naquela parte do globo, etc.).

O pensamento geopolítico surge baseado no Estado capitalista em seus interesses e nas suas relações de poder, esse pensamento visa ser o porta-voz dos interesses e da estratégia do Estado, daquilo que este tem de permanente mesmo com as freqüentes mudanças de governo. E a política – vista apenas sob o prisma do Estado – é de fato concebida como estratégia, como guerra, permanente que necessita de alguns programas, principalmente os golpes longo prazo, de coordenação, de uma garantia que sua soberania esteja acima das pressões sociais ou de governantes. Daí então o discurso geopolítico

⁷ Para a geopolítica e veja que esse pensamento é historicamente datado, aqui usando a idéia de um geopolítico, imprime-se no mundo uma nova ordem a partir da revolução Industrial, os chamados Estados Nacionais Modernos agora têm em sua frente uma necessidade, bem maior do que anteriormente, de pensar uma política de poder no jogo internacional frente a outros Estados. Vendo que nessa nova relação, a expansão comercial, a busca de mercados, a expansão de influencias eram necessidades indispensáveis ao Estado que quisesse sobreviver nesse mundo e tornar-se potência imperialista. Mais do que isso a geografia influenciaria totalmente os destinos e os modos de viver dos homens.

normalmente demonstrar uma preferência pelos regimes autoritários e totalitários, e reciprocamente esses regimes em geral valorizam intensamente a geopolítica.

Então para o pensamento geopolítico, as relações sociais entre os indivíduos, a possibilidade de modificação do ambiente pelos indivíduos através do trabalho são apagadas, e os Estados passam a aparecer como organismos vivos quase que dotados de consciência própria. E esses indivíduos que neles habitam só servem a esse Estado se forem de acordo com o destino da nação.

No Brasil os estudos sobre geopolítica sofrem claramente essa influência. Poderíamos elencar três fases do pensamento geopolítico brasileiro, a primeira etapa é marcada pelos estudos de Mario Travassos entre 1920-1930, Everardo Backheuser e Delgado de Carvalho; é possível perceber que uma das características dos estudos desse período, é que a geopolítica foi pensada única e exclusivamente centrada nos elementos geográficos nacionais. Ela esteve voltada, frequentemente, para a questão da centralização do poder nacional, inclusive questão retomada na construção da capital Brasília, questionando-se o regime federativo, como sendo condicionante para o Brasil tornar-se expressão no cenário mundial.

O segundo momento dessa geopolítica na década de 50 é quando esses estudos tomam características totalmente diferentes. Isso porque o período é marcado pelo clima de guerra fria, nesse período também que é criado no Brasil por influência Norte-Americana a Escola Superior de Guerra e com ela a Ideologia de Segurança Nacional. Tão difundida dentro e fora das Forças Armadas. Dentro desse a geopolítica se funde a DSN e passa a ter expressão dentro das Forças Armadas, como afirma Maria Helena Moreira Alves, em sua obra Estado e Oposição no Brasil: a doutrina de segurança nacional foi montada dentre de duas bases – segurança e desenvolvimento e Geopolítica.

Nesse caso fica necessária uma ressalva sobre a influência francesa na DSN. Ficou comum se dizer que a DSN teve seu precursor os EUA que o Brasil assim como outros países do cone sul importou essa ideologia e a aplicou a realidade brasileira. O que propomos nesse trabalho como ponto central é que essa DSN não foi totalmente importada dos EUA, mas sim que sua influência viriam da França. Enfim, a doutrina militar francesa oferecia aos militares dos países acima uma definição flexível e funcional do inimigo a enfrentar, ao mesmo tempo em que, no plano geopolítico, valorizava o Terceiro Mundo como cenário do confronto mundial da guerra fria, aspecto antevisto na declaração do general Octavio Costa. Afinal, ocupava o centro dessa doutrina a idéia de que, “enquanto os Estados Unidos e seus aliados estavam hipnotizados pela perspectiva da guerra nuclear,

o comunismo flanqueava as defesas do Ocidente a partir do Sul, e se não fosse contido destruiria, ao fim, a civilização ocidental”.

A característica principal desses estudos nesse período foram marcados pela preocupação com a segurança nacional e a defesa do bloco ocidental contra o comunismo, tem como seu maior representante apontado pela historiografia o General e Geopolítico Golbery, como nos diz Vânia Assunção que estudou a fundo o seu pensamento. O núcleo do pensamento de Golbery – como não poderia deixar de ser - é marcado pela geopolítica, orientada totalmente por reflexões impregnadas pelo clima da guerra fria e a defesa do continente. (Assunção, 1999:98) o perigo da guerra revolucionaria. .

Já década de 60 a qual pretendo me debruçar é muito mais rica ao pensamento geopolítico, não no que desrespeito ao conteúdo de suas análises, até porque grande parte das conclusões encontra-se nos anos anteriores, mas o que caracteriza de específico nessa geopolítica é que ela esta orientada para o destino de grandeza do Brasil.

A partir do golpe acreditavam esses estudiosos que havia chegado a hora do Brasil reivindicar seu lugar entre as nações mais poderosas do mundo. Brasileira, ela consistiu principalmente no desenvolvimento de um *projeto* ("Brasil, grande potência") que se expressa como uma estratégia (geopolítica e militar com uma clara dimensão espacial. A natureza pragmática, utilitarista (e *para o Estado*, único agente visto como legítimo) ou de "saber aplicável" sempre foi uma tônica marcante na geopolítica. Ela nunca se preocupou em firmar-se como um (mero?) "conhecimento" da realidade e sim como um "instrumento de ação", um guia para a atuação de tal ou qual Estado.

Nesse sentido toda a preocupação que ocupou a geopolítica foi o projeto Brasil potência. Entender, como estava o país, como o mesmo deveria ser modificado para atender as necessidades de acumulo capitalista, e mais do que isso, buscar uma visão de quais os rumos da “grande nação brasileira”.

Dentro desse contexto cinco grandes temas são colocados em evidência dentro dos estudos, em primeiro lugar ficam claro que os fatores geopolíticos são vitais para o desenvolvimento e a segurança nacional do Brasil; baseados em uma integração de planejamento político, espaço e posição territorial, recursos naturais e tecnologia, a coesão e a vitalidade da população e a criatividade da liderança para resolver os problemas internos e internacionais e satisfazer as aspirações nacionais. Tendo em vista que essas aspirações nacionais refletem as aspirações de uma determinada elite que na visão militar daria o “tom” para o planejamento político da nação.

Segundo o General e Geopolítico da ESG Carlos de Meira Mattos essa liderança por parte das elites é algo que deveria de relações naturais isso por que para o autor “No palco da

eterna luta entre o homem e o meio ambiente entrecrocavam-se as qualidades do homem e as condicionantes da terra. O estudo do homem situa-se no campo da psicologia individual e coletiva (raças). Mas, na psicologia do homem influi também o meio físico(...)Essa influência das condições geográficas sobre a psiche humana já ultrapassou as barragens científicas e difundiu-se em versões populares: diz-se que o homem da costa, que vive à beira do mar, é alegre, aberto e otimista; que a psiche do homem da planície é ampla (gaúcho) como os espaços que domina e a do montanhês é defensiva porque tem seu horizonte fechado pelas terras que compartimentam o seu habitat”.(Mattos, 1975:7).

Um segundo ponto a ser destacado é a posição geográfica do Brasil, além de sua tradicional herança ocidental, coloca a Nação como aliada dos Estados Unidos em oposição a ameaças vindas de fora do hemisfério. A segurança do Brasil está ligada à bacia do Atlântico Sul – uma localização estratégica acentuada primeiro pelo saliente nordestino, projetando-se na direção da África e obrigando a proteção da parte estreita do Atlântico nas rotas para o Norte da África e para a Europa. Ademais, Meira Mattos atribui ao Brasil a responsabilidade pela manutenção da passagem pelos pontos vitais da Antártica no rumo do Sul da África e do cone da América do Sul, além da proteção das costas da África Ocidental.

Outro aspecto é a relação entre pensamento geopolítico e planejamento regional, pois para o discurso geopolítico tudo tem que estar em perfeita harmonia para que os objetivos nacionais sejam cumpridos.

O desenvolvimento regional para a Bacia Amazônica, isto é, segundo os conceitos de pólos de desenvolvimento fronteiriços, redes de comunicações, desafios demográficos, recursos naturais etc. Do mesmo modo, a integração da fronteira com a costa e sua auto-suficiência reduz as ameaças insurrecionistas e estrangeiras contra o interior e podem ser conseguidas dentro do quadro de cooperação e amizade do Brasil com os países hispano-americanos, nesse caso o desenvolvimento, poder e segurança são intimamente ligados a essa conexão, que, uma vez projetada além da esfera continental para uma dimensão mundial, proporcionará o destino nacional do Brasil – a obtenção do *status* Grande Potência mundial.

